



**X Fórum
Nacional
NEPEG**

**de Formação
de Professores
de Geografia**

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**AS FORMAS-CONTEÚDO DA CIDADE:
O QUE REVELAM AS PAISAGENS E OS MAPAS?**

Igor de Araújo Pinheiro

Professor da Rede Básica de Educação do Piauí e Maranhão
Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás
docenciando@gmail.com

Resumo: Este trabalho busca conhecer as abordagens conceituais de paisagem produzidas pela ciência geográfica, como também refletir a articulação entre o estudo da paisagem da cidade e a utilização de mapas para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos. Serão discutidos elementos teóricos e conceituais acerca da paisagem, a função dos mapas e as possibilidades concretas no ensino de Geografia para a aquisição do pensamento geográfico. Compõem o cerne deste artigo as categorias paisagem, o mapa e o pensamento geográfico, em que possam contribuir para o necessário refletir das formas-conteúdo da cidade no contexto hodierno das escolas brasileiras. A referida pesquisa investigativa esteve apoiada numa metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica em três eixos: a) estudo sobre a paisagem da cidade; b) o mapa como ferramenta de representação espacial, e c) o pensamento geográfico. O levantamento bibliográfico esteve apoiado em autores e autoras como Ab'Sáber (2003), Moreira (2007), Santos (2007), Gomes (2013), Cavalcanti (2012; 2019), Almeida e Passini (2013), Richter (2018), Girardi (2018) entre outros. A partir deste levantamento foi possível tecer reflexões pertinentes quanto ao estudo das formas-conteúdo da paisagem da cidade e sua mediação a partir da utilização de mapas. Os efeitos das reflexões traçadas evidenciam a ressignificação do mapa como ferramenta que contribui na leitura e interpretação do movimento da paisagem da cidade, assim como no desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos.

Palavras-chave: Paisagem; Mapas; Pensamento Geográfico.

Introdução

A paisagem apresenta um caráter polissêmico na ciência geográfica, porta-se como resultado da acumulação do trabalho do homem e da natureza no espaço. Possui dinâmica,

forma e função; é produção de processos sistêmicos, ao passo em que também é produto dessas relações espaciais. O estudo da paisagem representa possibilidade para o professor de Geografia desempenhar um papel relevante frente às discussões sobre as formas-conteúdo da cidade (paisagem de referência para muitos alunos brasileiros), buscando problematizar a complexa interrelação existente entre objetos naturais e sociais, articulando a leitura/interpretação da paisagem e de mapas durante esse processo, desenvolvendo o pensamento geográfico dos alunos.

Acerca de tais debates, entende-se que o acesso sistematizado à leitura do espaço geográfico através da paisagem dar-se-á, principalmente, através do ensino de Geografia. Considera-se relevante encadear a leitura/interpretação da paisagem da cidade articulada à utilização de mapas. Neste sentido, defende-se o exercício de práticas escolares que ponderem a intersecção entre a linguagem cartográfica e os processos de leitura e explicação mental da paisagem, que concorram diretamente para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos.

O entendimento aqui lançado do que vem a ser *Pensamento Geográfico*, ancora-se nas ideias de alguns autores da Geografia, entre eles destacamos neste momento Ruy Moreira (2007), ao indicar como método próprio da Geografia o processo “Ver e Pensar”, dessa especificidade emergiria o método para construir entendimentos acerca do espaço. Para este autor, a paisagem seria “o ponto de partida e o ponto de chegada na produção da representação em Geografia” (MOREIRA, 2007, p. 109). Isto significa valorizar as formas-conteúdo da paisagem e o conteúdo dos objetos e fenômenos que, representados graficamente em mapas, venham a favorecer o desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos.

A utilização de mapas em aulas de Geografia sugere um modelo de comunicação visual capaz de revelar os fixos e os fluxos da paisagem da cidade, pondo em relevo as concepções ideológicas contidas no arranjo espacial urbano, além de colocar à luz a leitura/interpretação da paisagem e de mapas para a compreensão da realidade espacial materializada na cidade. Paisagem e mapa, por este aspecto, funcionam como instrumentos de comunicação – realidade e representação – que manifestam particularidades da dimensão social, cultural e econômica ligadas ao projeto urbano e à concepção de cidade.

Estruturar e organizar geograficamente o pensamento, tendo como ponto de partida a leitura/interpretação da imagem do espaço (paisagem) e a representação do espaço (mapa),

significa dar condições para os alunos compreenderem as complexas interrelações que as sociedades modernas interpuseram entre si e entre o mundo?

Entendemos que o processo de ensino-aprendizagem de Geografia tenha como finalidade primeira o desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos, e pode ser potencializada na escola, a partir da articulação entre o estudo da paisagem da cidade e utilização de mapas.

Como proposições objetivas para o presente trabalho, buscou-se conhecer as abordagens conceituais da paisagem produzida pela ciência geográfica, bem como refletir a articulação entre o estudo da paisagem da cidade e a utilização de mapas para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos.

Essa pesquisa investigativa se apoia numa metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica em três eixos: a) estudo da paisagem geográfica; b) o mapa como ferramenta de representação espacial e, c) pensamento geográfico. Os materiais lidos e compilados em tabelas de pesquisa (*Word*) subsidiaram as reflexões apresentadas nas seções 2 e 3 deste trabalho.

Sustentado e movido pelo desafio de conhecer o já construído e produzido, O levantamento bibliográfico esteve apoiado em autores e autoras como Ab'Sáber (2003), Moreira (2007), Santos (2007), Gomes (2013), Cavalcanti (2012; 2019), Almeida e Passini (2013), Richter (2018), Girardi (2018) entre outros. A partir deste levantamento foi possível tecer reflexões pertinentes ao estudo das formas-conteúdo da paisagem da cidade e sua mediação por meio da utilização de mapas, expostas a seguir.

A paisagem e a cidade: trajetórias para se ler e compreender o espaço

As formas da paisagem são estudadas e discutidas pela Geografia antes mesmo do seu “nascido” como Ciência Moderna, ainda no século XIX. Segundo Gomes (1997), o ponto de partida para a discussão da paisagem na ciência geográfica teve início nas obras dos precursores clássicos Alexander Van Humboldt e Carl Ritter, que estudaram a paisagem a começar pelas relações existentes entre o Homem e Natureza no espaço geográfico, entretanto, conforme estaca Pinheiro (2015), esses estudos limitavam a compreensão sobre a complexidade inerente à paisagem, pois ancoravam as interpretações numa “dimensão da realidade total espacial-visual dotada de beleza e passível de descrição” (*ibid.*, 2015, p. 20).

Num esforço de adotar uma conjuntura crítica a respeito dos métodos e técnicas da reflexão espacial, o impacto gerado sobre o trabalho dos geógrafos após o período Pós-Segunda Guerra conduziu à renovação dos discursos e das práticas, neste sentido, outros caminhos para o estudo da paisagem Geografia emergiram. A concepção sobre a paisagem foi sendo ampliada e, para alguns geógrafos, ela “ressurge como possibilidade de revisitação das práticas culturais e de campo de revelação das atitudes dos homens” (GOMES, 2001, p. 55).

No campo de estudo da Geografia Humana, Milton Santos aponta a paisagem como sendo “formas mais ou menos duráveis. O seu traço comum é ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser resultado da acumulação da atividade de muitas gerações” (SANTOS, 2007, p. 54). Corroborando com Milton Santos, outros pesquisadore(as) dedicaram seus estudos na tentativa de compreender a dinâmica do espaço natural (sem desassociá-la totalmente do trabalho humano) a partir da paisagem, como é o caso do geógrafo Aziz Nacib Ab’Sáber, no qual este autor nos indica que “todos os que se iniciam no conhecimento das ciências da natureza [...] atingem a ideia de que a paisagem é sempre uma herança” (AB’SÁBER, 2003, p. 9).

O eixo discursivo sobre a paisagem focada na ideia de *herança* proposta por Ab’Sáber (2003), articula-se bem à concepção de “acumulação da atividade de muitas gerações”, de Santos (2007). Ambas as definições acerca da paisagem demonstram aproximação entre os entendimentos registrados nas obras desses geógrafos no que se refere à paisagem, mesmo correspondendo a correntes do pensamento geográfico distintas, suas ideias se convergiam para a compreensão das dimensões morfológicas, estruturais, processuais, dinamicidade e complexidade presentes nas paisagens. Isso posto reforça o discurso e garante unidade à ciência geográfica.

Concernente às abordagens na Geografia Escolar, embora o estudo da paisagem pareça em um primeiro instante fácil de ser assimilado pelos alunos – haja vista se constituir em um termo comum à população em geral, pois está presente nos mais variados artefatos culturais – podem emergir obstáculos durante o processo de elaboração do seu conceito. Entende-se que os conceitos sejam ferramentas culturais necessárias à representação mental da paisagem, visto que “são concepções amplas e genéricas sobre os fenômenos da realidade” (CAVALCANTI, 2019, p. 103) e concorrem fortemente para o desenvolvimento do pensamento geográfico. Sendo assim, o conceito expressará uma dedução mais abrangente

sobre a materialidade das coisas, como se o objeto ou fenômeno conceituados fossem levados para dentro da sala de aula, ou mesmo, como se a matéria concreta da paisagem estivesse “frente-a-frente” ao indivíduo (CAVALCANTI, 2012).

A complexidade que representa a paisagem resulta de múltiplos processos que permeiam a sociedade, o tempo, a subjetividade, identidade, técnica etc. A soma desses processos, no nível de implicações que um elemento tem sobre os demais, configuram a paisagem de um modo a ser melhor explorado na Geografia Escolar, em sua fisionomia material mais acessível à grande parcela dos alunos brasileiros que é a paisagem da cidade.

Nessa acepção, a paisagem da cidade garante movimento ao fenômeno urbano, pois se manifesta como produto inacabado da produção social sobre a natureza e sobre as formas já construídas/transformadas ao longo do tempo. A paisagem expressa a marca da sociedade contemporânea num movimento dialético, sendo o registro das sociedades no espaço repleta de significações afetivas e simbólicas; produto e produção contínuos das relações estabelecidas na cidade, de modo cada vez mais organizado e programado.

Corroborar-se que as forças modificadoras da paisagem da cidade não brotam somente das pranchetas dos arquitetos e urbanistas, mas ela (paisagem) existe e se pauta na aparente (des)ordem das práticas sociais já estabelecidas e daquelas que por ventura atribuem forma e conteúdo à paisagem da cidade (ARRAIS, 2017). O ensino de Geografia ao considerar o desenvolvimento do pensamento geográfico na escola, pode proporcionar leituras de mundo que permitam aos alunos “pensar tempo e espaço como mutuamente imbricados e pensar em ambos como produto de interrelações” (MASSEY, 2009, p. 184), assim como já se busca atingir na universidade.

Considerar a relação tempo e espaço na análise da paisagem da cidade nos condiciona a apreender a complexidade de usos das formas-conteúdo pela sociedade contemporânea, pois outorga aos sujeitos acessar as constantes relações de troca, tensão, disputas ideológicas por meio da vida cotidiana estabelecida entre os distintos grupos que ocupam a cidade e que definem este espaço como *lugar social*, em que se concretiza o estremecimento da organização sócio-espacial (LEFEBVRE, 2001).

Sob esse prisma, a complexidade inerente à paisagem da cidade se faz condicionada aos processos de produção e reprodução dos lugares pelo trabalho humano, redefinido constantemente pela dinâmica da utilização dos arranjos espaciais, tal como do conjunto de

objetos e signos presentes. A totalidade material e simbólica invólucra à paisagem da cidade pode ser representada em mapas, permitindo, assim, acesso imediato aos fenômenos paisagísticos que garantem movimento ao espaço geográfico vivenciados cotidianamente pelos alunos e, oportuno de ser compreendido, graças a um modo particular de pensamento, próprio da nossa ciência designado aqui de *pensamento geográfico*.

A utilização de mapas e o desenvolvimento do pensamento geográfico

Pode-se localizar, no discurso da humanidade, o mapa como linguagem privilegiada das representações espaciais. Consoante à Simielli (1999), os mapas possibilitam aos alunos avançarem quanto à consciência espacial, permitem fazerem sínteses sobre as espacialidades e, por meio dos conhecimentos prévios existentes, os professores de Geografia têm a oportunidade de “promover mapeadores conscientes que consigam elaborar mapas com o uso das simbologias, e leitores críticos capazes de ler, interpretar e correlacionar os fenômenos contidos em um mapa” (AZEVEDO & PINHEIRO, 2017, p, 3389).

Os mapas revelam muito além da disposição dos elementos contidos na paisagem da cidade, eles podem dizer muito mais coisas sobre os lugares através de uma linguagem própria (cartográfica), caracterizando-se como uma ferramenta de compreensão da realidade espacial (MARTINELLI, 2014). Dispondo ainda, ressaltamos a importância do mapa como “um modelo de comunicação visual” capaz de despertar nos alunos a “compreensão da distribuição e organização dos espaços, possam se informar e se utilizar deste modelo e tenham uma visão de conjunto” (ALMEIDA e PASSINI, 2013, p. 15-16).

Avançar nestas noções contribui para a articulação entre Ensino de Geografia, linguagem cartográfica e pensamento geográfico, colocando à luz a relevância da leitura de mapas e interpretação de situações cotidianas materializadas na forma de paisagem, presentes em diversas cidades brasileiras. Corroborar-se, ainda, com Girardi (2018), ao vislumbrarmos um campo fortuito para a Geografia Escolar, fundamentado no reencontro entre a linguagem dos conceitos (paisagem) e a linguagem cartográfica (mapas). Consequente. Ressaltamos também o valor educativo dos conceitos e conteúdos em Geografia, bem como sua articulação à linguagem cartográfica para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos escolares.

O pensamento geográfico constitui um relevante campo de estudos para a Geografia nos últimos anos. Concernente à linguagem cartográfica, defende-se aqui neste trabalho a utilização de mapas que permita aos alunos ultrapassarem a condição inicial do mapa como mero instrumento “localizador” dos objetos representados e passe a operar como ferramenta do “pensar geográfico”, isto é, como possibilidade teórico-metodológica para aluno perceber “que há uma ordem espacial na vida social” (GOMES, 2009, p. 28).

É cada vez mais necessário debater o pensamento geográfico como requisito básico para a construção do conceito de paisagem na escola, potencializado a partir do desenvolvimento do pensamento geográfico resultante das práticas escolares que associam a leitura do espaço à leitura/interpretação de mapas. Desse modo, estreita-se tais concepções ao jogo de ideias propostas por Vygotsky (2000), aonde o mesmo destaca ser fundamental “o emprego específico da palavra, o emprego funcional do signo como meio de formação de conceitos”, em especial a ideia de paisagem (*ibid.*, 2000 p. 170).

Este modelo leva em consideração a palavra (forma de linguagem) como o elo entre o meio social e cultural (senso comum) e o conhecimento científico produzido/sistematizado historicamente pela ciência geográfica relativo à paisagem. Como o pensamento é complexo e seu processo de desenvolvimento respeita a perspectiva de avanço para os níveis mais elevados, cada vez mais sofisticado, encontra-se na proposta de González (2015) reflexão metodológica para pensarmos as práticas escolares de Geografia e a utilização de mapas como mecanismos operacionais de aquisição do pensamento geográfico. Com relação a esta última passagem, o autor descreve o seguinte:

La adquisición del pensamiento geográfico se caracteriza por comprender una serie de atributos propios del espacio geográfico: escala, información geográfica (gráfica/trabajo de campo, estadística, cartográfica), procesos territoriales (físicos y humanos), interacción sociedad-medio ambiente, paisaje, sistemas territoriales, cambio global, desarrollo sostenible, interdependencia, diversidad (GONZÁLEZ, 2015, p. 10).

Tendo como premissa estes apontamentos, encontra-se na mediação dos “atributos propios del espacio geográfico” a utilização de mapas durante as práticas escolares de Geografia e sua respectiva ampliação do pensamento geográfico referente à dinâmica da paisagem da cidade. Deste modo, tal perspectiva promoverá a promoção de um ensino de Geografia mais integrado à linguagem cartográfica, substancial ao estudo do espaço local e sua representação, conforme destaca (RICHTER, 2018).

Mediar os alunos em suas reflexões sobre a paisagem, estimulando-os no desenvolvimento do pensamento geográfico não tem sido nada simples, pelo contrário, é um processo complexo, ao passo que compreender os processos sistêmicos invólucros à paisagem envolverá diretamente a capacidade de pensar as espacialidades cotidianas estabelecidas na cidade. A defesa é pela tentativa de ruptura com a construção mental da realidade (conceito) como algo fracionado, em geral de referências positivistas e cartesianas, para o alcance da harmonia entre o cognitivo e o afetivo, entre o que se pensa e o que é sentido através da experiência de viver na paisagem da cidade (LIPMAN, 2016).

Doravante, entende-se que exista um caminho metodológico (talvez muitos) a ser otimizado durante o processo de ensino-aprendizagem de Geografia, tendo como referência a paisagem da cidade e sua mediação por meio de mapas. Este percurso se refere a suscitar inicialmente e no decorrer de todo o processo de avanço do pensamento geográfico a definição do que são os fenômenos, a existência da trama de relações que os envolvem, a sua estrutura, a ordem dos acontecimentos, a duração/sucessão dos elementos que coabitam e se relacionam no tempo e no espaço (MARTINS, 2016).

O pensamento geográfico dos alunos é geografia em pensamento. Quer-se dizer com isso, que a apreensão do movimento do espaço dar-se-á perante condições operacionais e cognitivas que possibilitam ao pensamento adquirir a compreensão da totalidade; do modo como sociedade e natureza, num jogo dialético, produzem espaço e reproduzem as relações sociais às quais os próprios alunos estão inseridos. Considerar a paisagem da cidade como referência para a leitura/interpretação de mapas é ter para si a consciência do processo de ensino-aprendizagem de Geografia que se faz na escola, como pressuposto essencial ao desenvolvimento do pensamento geográfico e seus desdobramentos na vida social dos alunos.

Considerações finais

O ensino de Geografia nos apresenta grande diversidade de práticas e metodologias para a apreensão da paisagem. É um mundo de possíveis. E nessa seara de possibilidades, vê-se na abordagem da paisagem da cidade oportunidade para compreendermos melhor o movimento do mundo, articulando à utilização de mapas para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos.

A paisagem da cidade é o lugar social de grande parte dos alunos brasileiros, é neste espaço geográfico que suas práticas sociais se firmam, resultando na acumulação sucessiva de novas formas e processos que foram impostos ao longo do tempo. A paisagem é herança, mas também é marca simbólica do presente jogo dialético que as sociedades modernas estabelecem entre si no contexto urbano.

É com o embasamento teórico do conceito, dos métodos e das técnicas de análise e da linguagem cartográfica que o trabalho pedagógico circundante ao pensamento geográfico dos alunos pode se desenvolver com maior força. Não se trata de desprezar o conjunto de técnicas, de metodologias e produtos construídos no percurso histórico da Geografia Escolar. Trata-se, mormente, de ressignificar o mapa como ferramenta necessária ao desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos.

Evidentemente, há muito ainda para se refletir sobre os caminhos estruturantes do pensamento geográfico. O campo é fértil e as lacunas estão em aberto. Contudo, buscou-se trazer com este trabalho uma reflexão a respeito da paisagem da cidade e sua articulação com os mapas durante o processo de desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos na educação básica, que possa contribuir com a formação inicial e continuada dos professores e professoras de Geografia.

Referências

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALMEIDA, Rosângela D. PASSINI, Elza Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. **Seis modos de ver a cidade**. Goiânia: Câneone Editorial, 2017.
- AZEVEDO, Adelis C. C.; PINHEIRO, Igor A. Cartografia escolar e prática docente: reflexões sobre a abordagem dos mapas no ensino médio. **Anais do XIII Encontro de Práticas de Ensino em Geografia (ENPEG)**. Belo Horizonte: UGC, 2017, p. 3384-3390.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012.
- _____. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.
- GIRARDI, Gisele. Ruptura e reencontros entre cartografia e arte e seus desdobramentos na educação geográfica contemporânea. **Geografia, Literatura e Arte**, v.1, n.1, p.171-184, jan./jun.2018.
- GOMES, Edvânia T. A. . **Recortes de paisagem na cidade de Recife: uma abordagem geográfica**. 1997. 312f. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

- _____. Natureza e cultura: representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny & CÔRREA, Roberto Lobato (Org). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 49-70.S
- GOMES, Paulo César da C. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco de A.; LOWEN-SAHR, Cicilian L. (Orgs). **espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.
- GONZÁLEZ, Rafael de M. Del pensamiento espacial al conocimiento geográfico a través del aprendizaje activo con tecnologías de la información geográfica. **Giramundo**, v. 2, n. 4, p.7-13, jul./dez. 2015.
- LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIPMAN, Matthew. **El lugar del pensamiento en la educación**. Barcelona: Octaedro, 2016.
- MARTINELLI, Marcelo. A sistematização da cartografia temática. In: ALMEIDA, Rosângela D. **Cartografia Escolar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTINS, Elvio R. O pensamento geográfico é geografia em pensamento? **GEOgraphia**, ano. 18, n. 37, 2016.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PINHEIRO, Igor de Araújo. **Representação social de paisagem por alunos do ensino médio das escolas públicas de Teresina (PI)**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2015.
- RICHTER, Denis. O pensamento, o pensamento espacial e a linguagem cartográfica para a geografia escolar nos anos iniciais do ensino fundamental. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 99, 2018, p.251-267.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- SIMIELLI, Maria Helena R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.) et. al. **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 92-108.
- VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.